

## Conceitos fundamentais da Psicanálise

### Apresentação, leitura e comentários de Seminários e Textos de Jacques Lacan

*Os Nomes-do-Pai*

e

*Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*

Paulo Medeiros

17 - 28 de setembro de 2004

*Memória e transcrição de gravação*<sup>1</sup>

Leitura na página 41: *Do mesmo modo justificando..*

Intervenções.

Sim, é justamente isso. Trata-se de ir retomando, desde esse ponto, do que virá a seguir, sob a nomeação com termos gregos: *Ανάγκη* (Hánánke), *Τύχη* (Tüchê), *Αυτόματος* (Autómatos) etc, isto é: Necessidade, Acaso, Autônomo etc. Mas a relação com a cadeia de significantes está nessa arbitrariedade. O Acaso ocorre como um encontro necessário ao automatismo da relação entre significantes. Por exemplo: alguma coisa relacionada à trama da rede de significantes de cada um aqui propicia esse nosso encontro para estudos. Não estamos aqui por acaso, mas o acaso nos relacionou, algo arbitrário a partir do casual. As pessoas não se reúnem de graça, há um acaso não por acaso.

*Ananke/Tüchê/  
Autómatos*

Intervenção – [...]

Em relação ao desejo há o imaginário a anatomizar, a visar o anatômico, a imagem real do corpo. Mas o desejo é sempre infantil, quer dizer, há sempre esse outro. Há agora, em Lacan, algo diferente no seguinte sentido: no começo essa formulação “o desejo é... o desejo do outro” foi formulando “outro” com “o” em minúscula, agora já em maiúscula, “O”. “Outro”, escrito em minúscula, “o”, refere-se ao semelhante; em maiúscula, “O”, refere-se ao “lugar da fala”, ao “código”, aos “significantes”. Como se trata de empregar uma das

---

<sup>1</sup> Paulo Medeiros. Revisão ortográfica: Dulcinea Santos.

*A “letra” do desejo  
“a”-  
outro/Outro*

“letrinhas”, no dizer de Lacan, de sua álgebra, devem essas categorias ser sempre escritas com a letra “a”, não por ser a primeira letra do nosso alfabeto ou do alfabeto francês, mas por ser a primeira letra de *autre*, outro, *Autre*, Outro. Creio possamos presumir ter havido aí uma passagem de “outro” para “outrem” até chegar em “Outro”, sendo este Outro nitidamente hegeliano. O desejo torna-se uma articulação da própria fala, na própria fala, sendo da dimensão da fala de uma linguagem, isto é, uma fala articulada no âmbito do próprio sistema linguageiro de cada sujeito, acionado quando estando numa relação transferencial, quando essa fala se origina e se dirige a esse Outro. Dele se origina e a ele retorna. O analista é, então, digamos assim, o veículo, o instrumento desse movimento da própria fala do sujeito. Analista é função. Outro é o sistema lógico, linguageiro, de cada um em análise, “lugar” onde se articula o desejo.

Intervenção – [...]

*A rede de  
significantes –  
um encontro fãltoso*

Sim, exatamente, a partir de onde nossas assim chamadas escolhas já estão feitas, não sendo por acaso, mas um acaso propicia sua realização. Eu até diria mais, correndo o risco da descrença de vocês quanto a isso: todos os termos que designam essas escolhas são significantes. Digamos que, num ambiente público, no meio de muita gente, por exemplo, nesses “barzinhos” onde vocês costumam ir para paquerar, daí a pouco alguém começa a olhar, em retribuição ao olhar a si dirigido; então atribuem-se a tais relações termos bastante conhecidos, tais como: tesão, beleza, uma coisa de pele, uma química e sabe-se lá mais o quê... No entanto, podemos, a partir de nosso pequeno laboratório, que é a análise de cada um, atribuir tudo isso à trama de alguma rede de significantes. Essa trama propicia sempre um encontro, ainda que faltoso; faltoso por não corresponder nunca ao encontro primeiro, desejado primeiramente.

Intervenção – [...]

*Goethe –  
“A afinidades  
eletivas”*

Mas não deixa de impressionar que até hoje, a partir do livro de Goethe que mencionei aqui, “Afinidades eletivas”, se usa a expressão “é uma questão de pele”. Por que expressões vazias e imprecisas, tão sem conteúdo, satisfazem, perdurando séculos? Talvez por serem abonadas pela repetição, ainda que vazia. E, vez por outra, o vazio do discurso da mídia convence

milhares de assinantes de algum periódico de algum “avanço científico” (sic) nessa área. Nós, no entanto, apostamos haver uma lógica nisso, a lógica dos significantes.

Intervenções – [...]

Sim, a voz é elemento fundamental.

Intervenções – [...]

Pois é, quem deseja quem a partir de quê.

Intervenção – [...]

*A psicografia*

Mas nesses exemplos, inclusive os de Freud, creio ser adequado não se tentar psicobiografias. Em psicobiografias só apreenderemos signos, não significantes que são os fundamentos de nosso trabalho.

Intervenções – [...]

Mas essa insistência em relação ao significante está relacionada à necessidade de se manter a Psicanálise sob a lógica da experiência por ela abordada, da sua práxis também discursiva.

Intervenções – [...]

É verdade, há ainda a se considerar o termo freudiano traço, sobretudo como o apresentou em “Psicologia das massas e análise do eu”.

Intervenção – [...]

*O significante “nome do pai”*

Em relação a esse ponto, ao falar no desejo enquanto sendo sustentado nessa relação com o pai, lembremos, então: toda esta articulação lógica assim chamada “Neurótica” orbita um significante que Lacan considerou primordial, e deu-lhe o nome de “nome do pai”, que vem a ser, afinal, a própria metáfora que possibilita toda a articulação pela via da substituição de um termo por outro.

Intervenção – [...]

*Logicização dos mitos freudianos*

Onde Freud trabalhou com mitos, inventando mitos para dar conta dessa lógica, Lacan trabalhou com a Lógica. Lacan, então, vai logicizar os mitos freudianos. Sua pretensão é formalizar os pontos trabalhados por Freud pela via dos mitos.

Intervenção – [...]

*A metáfora paterna*

A “metáfora paterna” refere-se à metaforização do próprio desejo. Às vezes costumo acentuar aqui, entre nós, haver facilidade para se aceitar os dados de uma herança genética que nos forma na estrutura material, corpórea, mas temos dificuldades em aceitar haver também toda uma herança desejanste, uma herança de desejos. Chama-se desejo materno a essa herança, pois, humanos que somos, por intermédio dela, da mãe, recebemo-lo, o que não significa dizer ser a mãe a responsável por essa herança, na medida em que ela própria o transmite sem saber disso.

Intervenções – [...]

Sim, nosso trabalho é de escuta, escuta relativa à função de puros significantes.

Intervenção – [...]

*A escuta do  
significante  
na práxis analítica  
–  
um caso*

Como se faz isso? Voltemos à página anterior, no exemplo que Lacan cita de um caso de Freud: “imediatamente se precipita por cima da balastrada de uma pontezinha de estrada de ferro”. Ainda que não esteja referido o termo alemão analisado por Freud, vou lembrá-lo a vocês: *nieder*, que tanto pode querer dizer “Abaixo!”, isto é, “Morra!”, no sentido, por exemplo, “Abaixo o Regime Tal!”, e, dependendo do sufixo aposto, pode significar deprimir, precipitar-se, cair, *niederfallen*, além de, e isto importa na história, dar à luz, parir, *niederkommen*. Um significante fez com que a jovem se atirasse de uma pontezinha de passagem de trem, ou seja, induziu-a a um ato a partir de outras possíveis representações. É o que um significante pode fazer e é isso que diz respeito ao trabalho do analista, aprender a escutá-los. Freud destacou, no caso, a palavra que ela usou.

Intervenções – [...]

*Filologia/  
Linguística*

De fato, não havia ainda a Linguística, e Freud se virou como pôde com a Filologia, sendo que Freud antecipou muitos elementos da própria Linguística, bastando ler seu texto “Sobre as afasias”, anterior ao “Curso de Linguística Geral”, de Saussure, para dar-mo-nos conta disso.

Intervenção – [...]

*A formalização  
laciana da teoria  
freudiana*

Sim, claro, o que Lacan fez, com a ajuda da Linguística Estrutural, da Lógica e da Topologia, foi formalizar tudo isso.

Intervenção – [...]

Claro, assim como o melhor intérprete de sonhos é o próprio sonhador. Ao analista cabe permitir isso.

Intervenção – [...]

*O inconsciente na  
transferência*

A sua intervenção permite indagarmos sobre não só quanto à natureza do assim chamado inconsciente, mas também quanto à sua propriedade. O inconsciente, antes de mais nada, é uma ocorrência que se realiza numa relação transferencial, portanto, “entre”, “entre-dois”, numa relação em presença, na presença real de um analista, entre dois significantes. E, posteriormente, Lacan irá afirmar que nós não temos meios de saber se o inconsciente existe fora da Psicanálise. O assim chamado inconsciente é uma ocorrência numa análise, não sendo nem de um nem de outro quanto atualizado nessa relação. Trata-se de uma leitura, uma leitura do que está sendo dito, uma leitura feita por ambos, analisante e analista, e, como toda leitura, cada qual a faz a partir de sua própria subjetividade. Essa leitura, esperamos, fará com que os sintomas apresentados para análise adquiram outras possibilidades, mais criativas.

Intervenções – [...]

*As constelações  
representativas*

Sim, podemos nos indagar sobre quais constelações representativas são acionadas para um psicanalista diante da escuta de algum significante, ouvido como enunciado pelo analisante, que o induziria a ele, analista, intervir. No caso dessa jovem, por exemplo, cancela de trem, pontezinha de trem, quando sabemos, por informação dele mesmo, o quanto trem representava para ele, Freud.

Intervenções – [...]

Bem, de fato, só é possível ser analista com análise; analista sem análise é inconcebível.

Intervenções – [...]

Nesse sentido, sim, o analista é um *santhomem*, ou seja, santo homem ou homem santo enquanto separado, despossuído do

*A formação do  
analista –  
Santhomé*

seu *ego* por efeito da análise de seus próprios sintomas. Isso quer dizer que um analista não deve permitir que seu *ego* intervenha numa análise. Ego, no caso, seria ele dizer coisas que só fazem sentido para ele mesmo e não para o analisante.

Intervenções – [...]

*A “escolha” do  
analista*

Não nos interessa, naturalmente, a defesa dos obscurantismos, ao contrário, creio, o Iluminismo deve ser nossa referência. No entanto, entre a escolha – ainda que o sujeito não escolha – de um analista sem formação acadêmica, mas com análise e estudos comprovados numa instituição psicanalítica, e um outro, com excelente formação acadêmica, mas sem comprovação de sua própria análise e de seus estudos numa formação no âmbito de uma instituição psicanalítica, a preferência, claro, deveria recair sobre o primeiro exemplo, sobre aquele que tenha uma profunda experiência de análise. Mas um analista deve ser culto, sem dúvida, até mesmo para minimizar a intervenção de seu próprio *ego* numa relação analítica. A cultura de um analista não deve ser mais um elemento sugestivo na vida de um analisante, além de tantos outros discursos sugestivos que já enfrentou no decorrer de sua existência.

Intervenção – [...]

*A neutralidade*

Mas você traz um elemento importante nesse exemplo. O que Freud chamou neutralidade não se refere ao analista não desejar, o que seria um absurdo, mas sim não expressar seu desejo, o que é outra coisa.

Intervenções – [...]

*Que é análise*

Eu gostaria, uma vez mais, de frisar essa frase que lemos na página 42 como sendo um resumo pontual do que seja uma análise: “Muito bem, no que diz respeito ao inconsciente, Freud reduz tudo o que chega ao alcance de sua escuta à função de puros significantes”.